

Trechos da resenha do livro de Richard H. Popkin, *História do Ceticismo de Erasmo a Spinoza*. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho (Rio de Janeiro, Francisco Alves, 2000), 382p. ISBN 85-265-0331-6.

as três principais soluções para a crise intelectual no campo do pensamento religioso prefiguram as três principais matrizes filosóficas do período.

A primeira solução é a defesa cética do catolicismo romano por Erasmo no livro *Sobre a vontade livre* (1524).

Para Erasmo os problemas teológicos sobre a compatibilidade entre graça e livre arbítrio são por demais obscuros para que possam ser resolvidos pelo intelecto limitado e falível dos homens. Dada nossa incapacidade, devemos seguir (mesmo não compreendendo como verdadeiro) o que estabelece a tradição da Igreja. Esta solução cética dá origem ao fideísmo cético de Montaigne e discípulos (Pierre Charron, La Mothe Le Vayer e outros) para quem a incapacidade do intelecto humano se dá mesmo no que diz respeito ao conhecimento de coisas naturais e corriqueiras.

A segunda solução é a de Lutero, apresentada no livro em que responde a Erasmo, *Sobre a vontade escravizada* (1525). Para Lutero, a atitude cética é inaceitável na religião onde o que está em jogo é de tal importância (a salvação ou danação eterna) que qualquer estado psicológico diferente da mais firme convicção de verdade é inaceitável. Esta posição dá origem às tentativas filosóficas de completa refutação do ceticismo, busca de certeza absoluta no conhecimento, sendo a mais famosa e influente destas tentativas a de Descartes.

A terceira solução para a crise é a do também reformador, mas liberal, Castellio, autor dos livros *Sobre os heréticos* e *Sobre a arte de duvidar*. Para Castellio, o critério não é nem a tradição (como querem os católicos) nem a certeza subjetiva (como quer Lutero) mas a razão e os sentidos que, por serem limitados, não permitem o alcance de um conhecimento provido de certeza absoluta. Não sendo possível a certeza no conhecimento religioso, é possível discernir graus de probabilidade e de razoabilidade. Esta solução é de fato uma terceira via, uma via média entre a solução cética de Erasmo e a dogmática de Lutero e dá origem, segundo Popkin, ao ceticismo mitigado de Mersenne, Gassendi e outros: o conhecimento é limitado em escopo (a metafísica é impossível, o conhecimento é restrito aos fenômenos) e a certeza alcançável é só moral ou probabilística.

A dúvida metódica cartesiana não surge em um vácuo, mas num contexto de proliferação de perspectivas céticas e anti-céticas, sendo que em algumas destas perspectivas a dúvida já aparece como método.

Um dos grandes méritos da *História do Ceticismo* de Popkin é mostrar que o ceticismo no século XVII não é uma posição epistemológica desencarnada e abstrata – como é hoje – mas uma posição histórica concreta. Descartes reage aos céticos Montaigne, Charron, Gassendi, La Mothe le Vayer entre outros (todos conhecidos de Descartes) e diferencia seu anti-ceticismo do anti-ceticismo de contemporâneos como Mersenne, Jean de Silhon e Herbert de Cherbury. Especialmente digna de nota é a relação que Popkin estabelece entre Descartes e Charron. A idéia de uma dúvida metódica, a moral provisória meio cética meio estóica, e o ativo papel da vontade no exercício da dúvida não são modificações que Descartes introduz pela primeira vez na tradição cética. Estas modificações são feitas por Charron no final do século XVI. O principal ponto comum é que, através de uma dúvida ativa, eliminam-se todas as crenças falsas, no caso de Charron, segundo Popkin, para deixar a mente limpa pronta para receber a verdade sobrenatural, no caso de Descartes para que

reste na mente somente as idéias inatas que constituem a base de sua nova ciência: o *cogito*, Deus e a coisa extensa. Popkin observa que apesar da semelhança há pelo menos duas diferenças fundamentais entre Descartes por um lado e Charron e seus discípulos céticos fideístas por outro: a radicalidade da dúvida cartesiana e o fato do resultado do expurgo cético em Descartes não resultar em uma *tábula rasa*. “O processo da dúvida nos compele a reconhecer a consciência que temos de nós mesmos, nos compele a perceber que estamos duvidando ou pensando, e que estamos aqui, existimos. Esta descoberta de um conhecimento verdadeiro não é miraculosa, não é um ato especial da Graça Divina. Ao contrário, o método da dúvida é a causa, mais do que a simples ocasião, da aquisição deste conhecimento. Sua verdade é o resultado da intervenção Divina, mas não de uma súbita intervenção, mas sim da contínua e permanente ação da Graça que sustenta a nossa mente com suas idéias inatas e com sua luz natural que nos compele a aceitar como verdadeiro aquilo de que não podemos duvidar. Assim, o método da dúvida leva naturalmente ao *cogito*, e não supernaturalmente à verdade como os *nouveaux Pyrrhoniens* pretendiam”. (pp. 288-89)